

PORTUGUESE

Qual é a “proposta profética” do
ministério apostólico para a Igreja
hoje?

14 - 15 Maggio
Caserta

AFI 2019

Giovanni Traettino

Introdução

Meus queridos irmãos,

Reunimo-nos por ocasião do vigésimo aniversário de Grenoble '99, o encontro convocado pelo saudoso pastor Pierre Truschel, aquele ministério apostólico inteligente e visionário que ofereceu a alguns de nós, juntamente com ele, promotores desta «viagem», a oportunidade de nos conhecermos e de caminharmos juntos. Em maio do ano seguinte, em Positano, daríamos vida à «*fellowship*» que se tornaria a koinonia na qual ainda hoje caminhamos. Foi nessa ocasião que definimos a natureza do ministério apostólico e do nosso grupo, a adoção da Declaração de Missão e as diretrizes que nos acompanhariam.

Reunimo-nos concentrando-nos, antes de mais, no valor fundamental das relações. *A vida antes do ministério*. Essas relações que, partindo de Deus «dentro de nós» e presentes na natureza da Igreja à imagem do seu Criador, devemos ir buscar a Ele para as vivermos entre nós.

Começamos a aprofundar «o manifesto» e o mandato do ministério apostólico, para compreender melhor a sua importância para o presente e o futuro da Igreja. Refletimos, em particular, sobre a contribuição fundamental deste ministério para a revelação do «mistério de Cristo e do Corpo de Cristo», para a sua concretização na vida e no tecido das relações entre os cristãos. Era-nos clara a necessidade de «enfrentar» o *vazio* — «uma verdadeira fratura» — causada pelo exercício solitário, por vezes meramente posicional, ou mesmo autorreferencial, de experiências apostólicas conhecidas e em contraste com o modelo pluralista («o colégio»), aberto, humilde e relacional do apostolado do Novo Testamento.

Percorremos um longo caminho nestes vinte anos. Estabeleceram-se laços profundos. Foram também desenvolvidas reflexões significativas. Encontram-se vestígios disso no site. Vale a pena conhecer algumas dessas contribuições. Temos a sensação de nos termos aproximado de forma autónoma... Mantivemo-nos unidos... Fizemos progressos... À nossa frente abre-se o horizonte final de Deus. Estamos aqui para continuar.

Na base do nosso caminho — pois é o coração da nossa vocação — e fundamento de todas as relações, gestos e reflexões está: Cristo! O mistério de Cristo e do Corpo de Cristo, explorado em várias perspetivas, é fundamental! A paixão e a busca de Cristo, o amor pela Igreja, sua única Esposa, ao viver as nossas experiências parciais, através das contradições e dos desafios das realizações que conhecemos ou experimentámos.

Uma mudança histórica

Nas últimas sessões, o tema do futuro tem vindo a ganhar maior destaque, embora nunca tenha estado ausente da nossa reflexão. O futuro do Reino em relação ao «fardo» da igreja. O futuro da igreja em relação ao «fardo» do ministério apostólico e, conseqüentemente, em relação ao sentido e ao futuro desta koinonia. Alguém disse que o tempo em que vivemos se assemelha cada vez mais aos primeiros séculos da igreja, à época da decadência e do fim do Império Romano. Uma revolução na mentalidade e nos costumes, uma mudança marcante. A secularização e a globalização teriam dado início a um processo de «fim da história», de «destruturação» e «desertificação», o que corroeria e atacaria o cristianismo, tanto de fora como de dentro, de forma fatal. Procedendo «da casca à seiva», demolindo gradualmente, mas inexoravelmente, toda a proteção legal e social, expondo cada construção anterior, modelo e paradigmas (mentalidade) anteriores depositados em nós e nas nossas culturas noutras estações e épocas, das nossas civilizações originais, para «nos forçar» (a mão nua de Deus?) — se o cristianismo deve sobreviver — a repensá-lo, a reimaginá-lo, a partir da “seiva” das razões “profundas” (a raiz) do ser e do ser cristão.

También las iglesias históricas han tomado nuevamente, cada vez con mayor frecuencia y convicción, a hablar de *conversión y reforma*. De la importancia del *encuentro* personal con Cristo, del retorno a lo *esencial* del fundamento ("ecumenismo fundamental!") y de la vida del Espíritu ("ecumenismo espiritual")! En un contexto de crisis grave y evidente, estamos "obligados" a "despojar" nuestra fe de lujos, a reconsiderar prácticas y conceptos codificados durante siglos, a re-imaginar a la iglesia del futuro, a revisar las formas y modalidades de lo "sagrado". La crisis es histórica. La desorientación es dramática. Puede que me equivoque: los monumentos permanecerán, pero creo que solo "los cristianismos de la savia", aquellos auténticos y conectados a la raíz, sobrevivirán a largo plazo. Interesante la "profecía" que en un discurso desde 1969, Ratzinger pronunció:

- «Da crise atual surgirá uma igreja que terá perdido muito. Tornar-se-á pequena» e terá de recomeçar praticamente do zero. Já não poderá viver nos edifícios que construiu em tempos de prosperidade. Com o declínio dos seus fiéis, perderá também grande parte dos seus privilégios sociais. Recomeçará a partir de pequenos grupos, de movimentos e de uma minoria que voltará a colocar a Fé no centro da experiência. Será uma igreja mais espiritual, que não assumirá um mandato político, ora a flertar com a esquerda, ora com a direita. Será pobre e tornar-se-á a igreja dos pobres. Então, as pessoas verão esse pequeno rebanho de crentes como algo totalmente novo: descobrirão nele uma esperança para si próprias, a resposta que sempre tinham procurado em segredo.”

O sal da terra e a luz do mundo.

O tema desta Consulta é «O sal da terra, a luz do mundo». Já abordámos este tema no passado. Desta vez, porém, temos dois subtemas específicos: 1. «A proposta profética do ministério apostólico para a Igreja face aos desafios do mundo atual» — Como enfrentá-los? 2. Resumo: «A antropologia cristã e o desafio da ideologia de género»: Como enfrentá-la?

Os oradores fizeram um bom trabalho de preparação. Vamos ouvi-los com atenção e haverá oportunidades para intervir. Permitam-me, no entanto, fazer aqui algumas observações preliminares: O que, ou melhor, *quem* nos torna, ou pode tornar-nos, o sal da terra e a luz do mundo? Nós sabemos: é Cristo! O mistério de Cristo em nós. A nossa imersão nele. A nossa união espiritual com ele, como alguém disse:

- «A chave de tudo é o conceito de uma união espiritual com Cristo na sua morte e ressurreição, um conceito que está no centro da experiência e do ensinamento de Paulo. Esta intimidade de conhecimento e experiência com o seu Senhor é tão profunda que ele pode considerar a sua carreira apostólica como uma participação interior nos seus sofrimentos, que assume quase o caráter de uma identidade.»

O ministério apostólico

E a seguir: Qual é a «*proposta profética*» do ministério apostólico para a Igreja hoje? Qual é a possível contribuição do ministério apostólico para os desafios que se lhe deparam? «*Meus filhos* — repete o apóstolo — por quem volto a sofrer dores de parto, até que Cristo seja formado em vós» — Gal 4, 19. É evidente nas Escrituras que a especificidade do ministério apostólico é lançar o fundamento⁸. O fundamento é Cristo. *O apóstolo é, acima de tudo, um homem que lança o fundamento.* O fundamento que é Cristo; em nós e entre nós (a igreja). Na verdade, o segredo dos segredos da vida e da ação cristã no mundo é a implantação e a formação de Cristo em nós. E a partir daí, do lugar onde Cristo verdadeiramente habita, do homem interior, do interior para o exterior, é que a ação de Deus produz vida na pessoa e na comunidade, na sociedade e no mundo. O Espírito que habita nas profundezas de Deus⁹, vem habitar nas profundezas do nosso ser, e a partir daí deseja visitar o meu irmão e o meu próximo, para transformar a sociedade. Que a minha observação não pareça supérflua. A partir desta verdade, vivida, encarnada, praticada, descem todas as possíveis «influências», inclusive para o exterior do mundo, que nos é dado para exercer. Portanto, o apóstolo deve zelar pelo fundamento, para estabelecer o fundamento do mistério de Cristo no cristão e na Igreja. Esta é a irrupção do governo de Deus no homem, a «semeadura» do reino dos céus na terra. Alguém pode acusar-me de intimismo, mas não é isso! Da necessidade de intimidade, de um «caminho secreto», sim. Temos uma necessidade extrema de viver em contacto com «as profundezas» de Deus, de cultivar uma relação autêntica com o Espírito, de intimidade com Deus. Sim, porque ali está a fonte. Caso contrário, estaremos expostos ao perigo da superficialidade e do «moralismo», prestes a ser vítimas do voluntarismo e talvez a chegar ao verdadeiro legalismo. É daí, Dele mesmo, que vem o sal, a luz, o perfume, a dinamis, a capacidade de koinonia que nos fará refletir, irradiar, perfumar com o espírito e a vida de Cristo, a nossa vida. El es la sal que puede hacer de nosotros sal, la luz que puede hacer de nosotros luz, el perfume que puede hacer de nosotros el perfume. Cristo es el fundamento de nuestra vida. Cristo es el fundamento del Cuerpo de Cristo.

Giovanni Traettino

Ángel Negro

Que proposta profética tem o ministério apostólico para a Igreja face aos desafios do mundo atual?

Como concretizar isso através de um plano de ação?

Desenvolvimento:

- I. Os apóstolos e profetas no primeiro século da Era Cristã.
- II. O ministério apostólico na história da Igreja.
- III. O que aconteceu com a Igreja Ocidental (Igreja Católica).
- IV. A situação das Igrejas Evangélicas em geral.
- V. As mudanças que a Reforma provocou na sociedade, em contraste com o que a Igreja dos nossos dias não consegue provocar.
- VI. A proposta do secularismo e a nossa proposta apostólica.

INTRODUÇÃO

Que mensagem profética tem o ministério apostólico para a Igreja face aos desafios do mundo atual? Face às seguintes situações graves que nos cabe viver? Tais como:

A ideologia de género, a imigração forçada e o enorme número de mortos que essa situação provoca, o terrorismo islâmico, a perseguição religiosa, a escandalosa injustiça social que leva muitas pessoas a viver na pobreza extrema, a desintegração da família, a corrupção dos governantes e dos governados, a imoralidade e perversão vergonhosas no cinema, na televisão e nos demais meios de comunicação, o hedonismo tão generalizado, o tráfico de drogas, o aumento exponencial do consumo de drogas em todos os estratos da sociedade, a desigualdade económica cada vez maior entre os países ricos e pobres e entre os cidadãos de cada nação, e tantas outras situações semelhantes que se apresentam no mundo de hoje.

Este trabalho não é uma exposição sobre todos estes temas, mas sim uma introdução aos mesmos; é uma janela aberta para o mundo em que vivemos; é um ponto de partida para que, juntos, possamos refletir, orar, trabalhar e apresentar à igreja as propostas que

considerarmos necessárias. Cada ponto abordado fica em aberto e termina com perguntas. O que diz o ministério apostólico e profético sobre todos estes temas e outros semelhantes à igreja dos nossos dias?

I. OS APÓSTOLOS E PROFETAS NO PRIMEIRO SÉCULO DA ERA CRISTÃ

O ministério apostólico e profético transmitiu uma mensagem para que a igreja pudesse ver o estado do mundo na perspectiva de Deus.

Como é que Deus vê o mundo? O que diz o Senhor sobre a sociedade em que nos cabe viver o Evangelho? O que quis Jesus dizer ao afirmar aos seus discípulos que eles eram o sal da terra e a luz do mundo? Será que a Igreja, para além de trabalhar pela salvação das pessoas, deve procurar promover mudanças morais, políticas, económicas e de justiça social? O que propõe o ministério apostólico à Igreja sobre esta terra que pertence a Deus?

Os apóstolos e os profetas eram os olhos de Deus sobre os acontecimentos, tanto dentro como fora da igreja. Os apóstolos falam em nome de Deus à igreja sobre o estado do mundo.

Romanos 1.18 a 32:

Porque a ira de Deus se revela do céu contra toda a impiedade e injustiça dos homens que, com injustiça, detêm a verdade; pois o que se conhece de Deus lhes é manifesto, já que Deus lho manifestou. Pois as coisas invisíveis dele, o seu poder eterno e a sua divindade, tornam-se claramente visíveis desde a criação do mundo, sendo compreendidas por meio das coisas criadas, de modo que não têm desculpa. Pois, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como a Deus, nem lhe deram graças, mas envolveram-se em razoamentos vãos, e o seu coração insensato foi obscurecido. Alegando serem sábios, tornaram-se insensatos e trocaram a glória do Deus incorruptível pela semelhança de imagens de homens corruptíveis, de aves, de quadrúpedes e de répteis. Por isso, Deus também os entregou à imundícia, nas concupiscências dos seus corações, de modo que desonraram entre si os seus próprios corpos, pois trocaram a verdade de Deus pela mentira, honrando e adorando as criaturas em vez do Criador, que é bendito para todo o sempre. Ámen. Por isso, Deus os entregou a paixões vergonhosas; pois até as suas mulheres trocaram o uso natural pelo que é contra a natureza, e da mesma forma também os homens, abandonando o uso natural da mulher, inflamaram-se na sua lascívia uns com os outros, cometendo atos vergonhosos homens com homens, e recebendo em si mesmos a retribuição devida ao seu desvio. E, como não acharam por bem reconhecer a Deus, Deus os entregou a uma mente depravada, para praticarem o que não convém; estando repletos de toda a injustiça, fornicção, perversidade, avareza, maldade; cheios de inveja, homicídios, contendas, enganos e maldades; murmuradores, caluniadores, inimigos de Deus, injuriosos, soberbos, altivos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, infíéis, sem afeto natural, implacáveis, sem misericórdia; os quais, tendo compreendido o juízo de Deus, de que os que praticam tais coisas são dignos de morte, não só as praticam, mas também se comprazem com aqueles que as praticam.

Descreveram também como seria o estilo de vida dos homens nos últimos dias.

2 Timóteo 3:1-9

Deves também saber isto: nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis. Porque haverá homens que amarão a si mesmos, avarentos, presunçosos, soberbos, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem afeto natural, implacáveis, caluniadores, intemperantes, cruéis, inimigos do bem, traidores, impetuosos, envaidecidos, amantes dos prazeres mais do que de Deus, que terão aparência de piedade, mas negarão a sua eficácia; a estes evita. Pois destes são aqueles que se introduzem nas casas e levam cativas as mulheres fracas de espírito, carregadas de pecados, arrastadas por diversas concupiscências. Estas estão sempre a aprender, e nunca conseguem chegar ao conhecimento da verdade. E assim como Jannes e Jambres se opuseram a Moisés, também estes se opõem à verdade; homens de entendimento corrompido, rejeitados no que diz respeito à fé. Mas não irão mais longe; pois a sua insensatez será manifesta a todos, tal como o foi a daqueles.

Além disso, falaram à igreja e ao mundo sobre a distribuição injusta da riqueza e denunciaram os opressores ricos.

Tiago 5,1-6

Vamos lá, ricos! Chorai e gritai pelas desgraças que vos sobrevirão. As vossas riquezas estão podres, e as vossas roupas estão comidas pelas traças. O vosso ouro e a vossa prata estão enferrujados; e a ferrugem testemunhará contra vós e devorará completamente as vossas carnes como fogo. Acumulastes tesouros para os últimos dias. Eis que clama o salário dos trabalhadores que colheram as vossas terras, o qual, por engano, não lhes foi pago por vós; e os clamores dos que ceifaram chegaram aos ouvidos do Senhor dos Exércitos. Vós vivestes em deleites sobre a terra e fostes devassos; engordastes os vossos corações como no dia da matança. Condenastes e matastes o justo, e ele não vos resiste.

Deus sempre falou através dos seus apóstolos e profetas para mostrar o estado do mundo que os rodeava, como seria a sociedade no futuro e qual seria o seu fim se não se arrependessem e mudassem de atitude.

Tinham também a missão de admoestar a igreja para que esta não se envolvesse nos pecados da sua geração.

1 João 2,15-17:

Não ameis o mundo, nem as coisas que há no mundo. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele. Pois tudo o que há no mundo — os desejos da carne, os desejos dos olhos e a vaidade da vida — não provém do Pai, mas do mundo. E o mundo passa, assim como os seus desejos; mas aquele que faz a vontade de Deus permanece para sempre.

Mas não se tratava apenas de não se misturarem com o mundo, mas também de não se cometerem os mesmos pecados dentro da igreja.

Gálatas 5,17-21:

Porque o desejo da carne se opõe ao Espírito, e o do Espírito se opõe à carne; e estes opõem-se um ao outro, para que não façais o que quereis. Mas, se sois guiados pelo Espírito, não estais sob a lei. E são evidentes as obras da carne, que são: adultério, fornicção, impureza, lascívia, idolatria, feitiçaria, inimizades, contendas, ciúmes, iras, disputas, dissensões, heresias, invejas, homicídios, bebedeiras, orgias e coisas semelhantes a estas; a respeito das quais vos admoesto, como já vos disse antes, que os que praticam tais coisas não herdarão o reino de Deus.

Efésios 5.3 a 12:

Mas a fornicção e toda a imundícia, ou a avareza, nem sequer sejam mencionadas entre vós, como convém aos santos; nem palavras obscenas, nem tolices, nem brincadeiras indecentes, que não convêm, mas antes... Pois sabeis isto: que nenhum fornicador, ou imundo, ou avarento — que é idólatra — tem herança no reino de Cristo e de Deus. Ninguém vos engane com palavras vãs, pois por estas coisas vem a ira de Deus sobre os filhos da desobediência. Não sejais, pois, participantes com eles. Porque outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz (pois o fruto do Espírito é em toda a bondade, justiça e verdade), provando o que é agradável ao Senhor. Não participais nas obras infrutíferas das trevas, mas antes repreendei-as; porque é vergonhoso até falar do que eles fazem em segredo.

2 Tessalonicenses 3,6-8:

Mas ordenamos-vos, irmãos, em nome do nosso Senhor Jesus Cristo, que vos afasteis de qualquer irmão que viva de forma desordenada e não de acordo com o ensinamento que recebestes de nós. Porque vós mesmos sabeis como deveis imitar-nos; pois nós não andamos desordenadamente entre vós, nem comemos o pão de ninguém de graça, mas trabalhamos com zelo e fadiga, dia e noite, para não sermos um fardo para nenhum de vós.

A mensagem do Apocalipse

O ministério do profeta e apóstolo João, através do livro do Apocalipse, foi de importância vital para uma igreja terrivelmente perseguida, como aconteceu nos dois primeiros séculos. A igreja recebe uma mensagem de fé, esperança, encorajamento e justiça.

1. En el primer capítulo, Jesucristo le muestra a la iglesia claramente que Él es el Señor y que reina. Que tiene todo poder y autoridad, y que tiene todo bajo su control.
2. Que Jesucristo conoce el estado de la iglesia al decirle a cada una: “Yo conozco”.

3. Revela a la iglesia la realidad celestial, las glorias eternas, al Señor en el trono como León y Cordero, en majestad eternal.
4. Le muestra que el mal no durará para siempre, que se hará justicia, que los mártires están en gloria eterna, que el Imperio Romano (Babilonia, la gran ramera) caerá, que el Señor triunfará sobre ellos.
5. Que a Igreja é a esposa do Cordeiro e reinará para todo o sempre.

Quão gloriosa foi a mensagem do apóstolo João para a igreja sofredora e perseguida!

Que encorajador foi para os irmãos saber que o imperialismo romano iria cair, que Deus faria justiça!

Os apóstolos viram o futuro e anteciparam os acontecimentos. O ministério apostólico e profético foi de importância vital na Igreja dos primeiros séculos

II. O MINISTÉRIO APOSTÓLICO NA HISTÓRIA DA IGREJA

O ministério apostólico e profético foi muito evidente na igreja do primeiro século e nos séculos seguintes. Em épocas de renascimento espiritual, estes ministérios desempenharam um papel de destaque. Antes, durante e depois da Reforma, a sua participação foi muito notável.

No final do século XIX e início do século XX, surge o movimento pentecostal, que traz nova força, dons e esperança. A igreja cresce, expande-se; o despertar espiritual atinge muitas denominações. Mas depois, no afan de querer preservar «a sã doutrina», dividem-se em inúmeras facções e tornam-se legalistas. Por outro lado, as restantes denominações, desejando preservar as suas tradições, fecharam-se às manifestações sobrenaturais do Espírito Santo. Essa era a situação da igreja por volta do ano de 1960. Mas, ao mesmo tempo, na década de 60, cumpriu-se a profecia de Amós 8.11:

«Eis que vêm dias, diz o Senhor Deus, em que farei com que haja fome na terra, não de pão, nem de água, mas de ouvir a palavra do Senhor.»

Muitos de nós, especialmente os jovens, começámos a procurar mais o Senhor. Os livros de Watchman Nee levaram-nos a uma busca e mais profunda da vida no Espírito. Deus derramou o Seu Espírito, dando início a um avivamento espiritual que atingiu praticamente todas as denominações.

No entanto, constatamos que a igreja, em geral, foi perdendo o seu papel profético no mundo. Talvez isso se deva ao facto de os apóstolos e profetas se terem dedicado mais à tarefa de evangelizar e de abrir novas obras.

O ministério apostólico e profético deve ensinar a vontade de Deus às nações e denunciar o pecado em todas as suas formas. Perante o silêncio da Igreja, as nações vão perdendo a consciência do pecado.

Hoje em dia, tudo é relativo, não há absolutos e nada está errado. Cada um pode fazer o que bem entender e pode divulgá-lo livremente perante as câmaras. Quem lhe diz: «isso está errado»? Quem fala ao homem e à mulher em nome do Senhor de toda a terra? Será que a Igreja não se atreve, não quer ou não consegue ser a voz da consciência da sociedade?

A função profética da igreja não é condenar o homem, mas sim indicar ou ensinar o que Deus diz. A ênfase excessiva de João 3.16 no amor e o exagero de uma graça sem reino diluíram o espírito profético da igreja do Senhor. É necessário amar, mas com a verdade. Não estamos a pensar em profetas ao estilo de João Batista, porque a sua forma de profetizar estava de acordo com o seu tempo, mas sim em homens e mulheres que levantem a sua voz nos meios de comunicação social, na tribuna política, na literatura para livrarias populares, em jornais ou em artigos claros e compreensíveis para a sociedade, que cheguem ao homem comum e o levem à reflexão.

É hora de os verdadeiros profetas do Senhor se levantarem e falarem em Seu nome. A voz profética tem de fazer-se ouvir entre as nações. O Senhor, falando do Espírito Santo, disse: «Quando ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo». Como o faz? Sabemos que opera no coração das pessoas, mas o seu instrumento audível no meio de uma nação é a igreja.

Todos estamos cientes dos tempos em que a Igreja transmitia uma mensagem de julgamento sem misericórdia, mas também sabemos que não é a isso que nos referimos. Proclamar a verdade cria consciência do pecado nas pessoas; erguer a cruz de Cristo é mostrar que foi feita justiça, que a exigência de Deus foi satisfeita e que isso liberta o homem e a mulher do julgamento vindouro.

III. LO QUE SUCEDIÓ CON LA IGLESIA DE OCCIDENTE (Iglesia Católica)

La voz profética que tuvo la iglesia Católica se diluyó por los escándalos morales que salieron a luz. La iglesia Católica se ha desprestigiado, por lo cual perdió autoridad y credibilidad para ser conciencia de la sociedad. Perdió su espiritualidad, y de una generación a la otra no le transmitió una fe viva. Por esta razón perdió la gente. Para colmo, en lugar de humillarse de corazón y buscar a Dios, quiso buscar popularidad apoyándose en la piedad popular llena de superstición, idolatría y paganismo. Buscó acomodarse a la nueva moral del mundo. Perdió la confianza de la gente espiritual.

Perdió espiritualidad.

Perdió autoridad.

Perdió gente.

Perdió el apoyo de Dios.

Mas há esperança: o movimento carismático e os movimentos de espiritualidade são um novo fermento que pode dar origem a algo novo no seu seio, que destronará a idolatria, a superstição e a imoralidade. Que substituirá os dogmas humanos e as tradições pela vida no

Espírito. A Igreja Católica precisa hoje que surjam no seu seio apóstolos e profetas que ousem levantar a voz para que venham tempos de refrigério da parte do Senhor.

Questões para análise e debate:

1. Como ajudar a igreja a ter uma voz profética perante o mundo?
2. Como colaborar com o Espírito Santo para convencer as pessoas do pecado, da justiça e do juízo?
3. As pessoas perderam a noção do pecado. O que deve a Igreja fazer para que isto mude?
4. A mensagem da Igreja para o mundo nos dias de hoje é: «Deus é bom, Deus ama-te, Deus quer abençoar-te». Tudo isso é verdade, mas será que é a única coisa que devemos proclamar? Não será um evangelho mutilado?
5. Como podemos ajudar os movimentos espirituais que atuam no seio da Igreja Católica?

IV. A SITUAÇÃO DAS IGREJAS EVANGÉLICAS EM GERAL

Qual é, atualmente, a situação das igrejas evangélicas no mundo?

Todos sabemos disso, mas quero citar o que dizem alguns escritores.

Landa Cope relata no seu livro «O Modelo de Transformação Social do Antigo Testamento» que um jornalista britânico afirmou: *«Os cristãos acreditam que, quando muitos deles vivem no seio de uma comunidade, acabam por influenciá-la para o bem»*. *«Quanto maior for a presença cristã, maior será o benefício geral para a sociedade»*.

O jornalista procurou uma cidade com uma elevada percentagem de fiéis que frequentavam a igreja aos domingos. De acordo com esta definição, Dallas, no Texas, era a cidade mais cristã dos Estados Unidos. Aos domingos, todas as igrejas ficavam lotadas de fiéis.

Quando analisaram as estatísticas e a situação social da cidade, ficaram espantados. A elevada taxa de criminalidade, os sistemas de saúde precários, as doenças contagiosas, a elevada taxa de mortalidade infantil, a desigualdade económica, a injustiça racial, os problemas na educação, etc. É a cidade onde nenhum de nós gostaria de criar os seus filhos, afirma Landa no seu livro.

O mais terrível foi quando o jornalista apresentou estes dados sobre a cidade de Dallas aos líderes cristãos mais conhecidos da região e lhes perguntou: «Como líder cristão, o que tem a dizer sobre a situação da sua comunidade?» Em geral, a resposta foi: «Isso não me diz respeito... eu sou um líder espiritual...»

Algo semelhante acontece em África e noutros países da América Latina. Bob Moffitt, no seu livro «Se Jesus Fosse Presidente da Câmara», fala de locais em África onde a igreja está a crescer e, ao mesmo tempo, a sociedade está em declínio. A igreja não tem um impacto forte e visível na sua cultura.

Conta-se que, na década de 90, se propuseram a fundar novas igrejas num país da África Austral com 11 milhões de habitantes e conseguiram construir 10 000 novas igrejas.

Pensavam que o crescimento numérico das igrejas traria uma transformação visível na sociedade. Mas aconteceu exatamente o contrário. A corrupção tornou-se incontrolável, houve um grande declínio na economia, na saúde e na educação. Mas havia 10 000 novas igrejas. 70 % da população considerava-se cristã. Havia uma falta de ligação entre o crescimento da igreja e a transformação da sociedade.

Na Guatemala, 40% da população considera-se cristã evangélica. O país continua a sofrer com a corrupção, a pobreza e a divisão étnica.

Poderíamos continuar a referir Darro W. L. Miller no seu livro «Discipulando Nações», ou Vishal Mangalwadi e o seu livro «Verdade e Transformação», e outros autores.

A conclusão a que se chega é dramática, mas real: A Igreja não tem impacto na sociedade. Porquê? O que aconteceu? Ao analisar as razões, chega-se à mesma conclusão: o evangelho que foi pregado durante a maior parte do século XX não é o evangelho que os apóstolos do Senhor pregaram no primeiro século. É um evangelho diluído, sem autoridade, sem as exigências do reino.

Foi pregado um evangelho sem reino, uma salvação sem Senhor.

Foi afirmado que é possível ser cristão sem ser discípulo.

Foi ensinado que, se tiver uma experiência espiritual subjetiva com Jesus, já está salvo para sempre.

Pedia-se às pessoas que acreditassem, que levantassem a mão e que fizessem a oração da fé. A partir daí, já eram consideradas salvas.

Mas há esperança:

A esperança reside no facto de a igreja regressar ao evangelho do reino e viver sob o senhorio de Cristo; só assim poderá ter impacto na sociedade. Para tal, precisamos de reevangelizar a igreja com o evangelho do reino, para que cada crente seja um discípulo de Jesus Cristo.

1. Como podemos reevangelizar a igreja com o evangelho do reino?
2. Como conseguir uma Igreja militante que não se deixe levar pela cultura do conforto e pelos prazeres do mundo atual?
3. Como integrar a igreja em pequenos grupos de discipulado empenhados e dinâmicos, onde cada um é formado e capacitado para a missão?
4. Como ser uma igreja composta por casais e famílias estáveis, que vivem em paz e harmonia e que, tendo superado o individualismo, se consagram em unidade a servir a Deus e ao próximo? Como travar o aumento do número de divórcios, mesmo entre os cristãos, que está a destruir as famílias e as novas gerações?

A Igreja tem autoridade para abordar estes temas? Que plano de ação propõe o ministério apostólico à Igreja relativamente a estas situações?

V. AS MUDANÇAS QUE A REFORMA PROVOCOU NA SOCIEDADE, EM CONTRASTE COM O QUE A IGREJA DOS NOSSOS DIAS NÃO PROVOCA

*Um dos efeitos relatados diz respeito aos níveis de **alfabetização** nas «zonas protestantes» da Europa. Tanto Lutero como Calvino insistiam que todos os cristãos deviam ler a Bíblia por si próprios. Nesse sentido, os protestantes promoveram a educação universal. Becker e Woessmann, num estudo de 2009, utilizando dados de 452 condados da Prússia em 1871, relatam que as áreas protestantes apresentavam níveis mais elevados de alfabetização. E não só isso, como os mesmos autores, num estudo de 2008, também descobriram que as «áreas protestantes» tinham mais mulheres alfabetizadas. Isto resultou da ênfase de Lutero em que «cada povo tenha também uma escola para mulheres». Ambas as descobertas são fundamentais para compreender o avanço económico dos protestantes na Europa. Quanto mais educação, mais progresso!*

Em muitos países, o evangelho não tem impacto nos níveis intelectuais e económicos médios ou mais elevados da sociedade. Para piorar, em várias congregações, especialmente as carismáticas, dá-se pouca importância à formação e capacitação intelectual. Assim como a **educação académica** trouxe progresso aos países que aceitaram a Reforma, o mesmo pode acontecer hoje.

*Outro dos efeitos do protestantismo incidiu sobre o conceito de trabalho, o que ficou conhecido como «**a ética protestante do trabalho**». Tanto Lutero como Calvino entendiam o trabalho não apenas como algo que agrada a Deus, mas como **um chamamento** (vocatio) do próprio Deus. As implicações desta ideia foram monumentais. Por um lado, implica que não existe tarefa ou trabalho de dignidade inferior. Não importa o tipo de trabalho, desde que seja realizado para a glória de Deus. Mas, além disso, o trabalho é um “chamado” (vocatio) e implica que Deus usa cada pessoa para os Seus propósitos de manter a Sua criação e servir a humanidade. Não é apenas o clero (padres, monges, pastores, etc.) que serve a Deus, mas toda a pessoa que trabalha!*

*Em suma, ao que parece, a expansão do protestantismo gerou no trabalhador um «**sentido de propósito**» no seu trabalho, o que levou as regiões protestantes a tornarem-se mais produtivas. (Parágrafo em itálico: Pastor e economista Héctor Salcedo)*

Os reformadores não se limitaram a ensinar:

Somente Cristo, Somente Fé, Somente Graça, Somente Escritura e Somente Glória a Deus

Pelo contrário, foram muito práticos na tarefa de integrar a vida de Cristo no quotidiano, e conseguiram-no.

Lutero e Calvino ensinaram (para além dos cinco postulados teológicos), **três verdades** intimamente interligadas entre si, que transformaram nações inteiras e poderiam ter transformado o mundo inteiro.

Algumas delas permanecem até hoje nos países que as adotaram.

A Reforma Protestante teve um grande impacto nas nações onde se estabeleceu em duas áreas importantes e numa terceira que trouxe honra ao Senhor:

1. O trabalho como um serviço que beneficia toda a sociedade.
2. E que glorifique o nome de Deus.
3. Com uma conduta moral e íntegra em todos os aspetos da vida.

Cada um podia dizer: «Eu sei por que trabalho: não apenas para sustentar a minha família, mas também para cuidar da criação de Deus e servir o próximo».

Os cristãos evangélicos trabalham, mas quantos encaram isso como uma vocação de serviço, como um chamado de Deus para cuidar da criação do Senhor, servir a humanidade e glorificar o nome do nosso Pai Celestial?

Que transformações estes princípios provocariam se fossem aplicados em todas as nações do mundo!

VI. A PROPOSTA DO SECULARISMO E A NOSSA PROPOSTA APOSTÓLICA

1. A proposta do secularismo.

A Terra e todos nós que nela habitamos pertencemos a Deus; no entanto, **a proposta** deste século secularista é: “**Uma sociedade sem Deus**”. O que significa isso na prática? Não reconhecer os mandamentos estabelecidos pelo Senhor.

O salmista já tinha dito isto: Salmo 2, 1-3

- 1 Por que é que as pessoas se revoltam,
E os povos pensam em coisas fúteis?*
*2 Os reis da terra levantar-se-ão,
E os príncipes reunir-se-ão para deliberar
Contra o Senhor e contra o seu ungido, dizendo:*
*3 Vamos romper as suas amarras,
E vamos livrar-nos das suas amarras.*

As doutrinas religiosas baseiam-se no que consideram uma **verdade absoluta**, enquanto o **secularismo** se baseia na **razão**. Esta doutrina foi-se desenvolvendo ao longo do século XVIII, através de um movimento intelectual e cultural.

2. A proposta do Senhor e da sua Igreja.

«Do Senhor é a terra e tudo o que nela há, o mundo e todos os que nele habitam.»

Tudo tem de regressar ao seu verdadeiro dono. Tudo tem de regressar a Deus.

A terra pertence a Deus, não ao diabo.

Como disse o rei David: (1 Crónicas 16,28-34)

Prestai homenagem ao Senhor, ó famílias dos povos; dai ao Senhor glória e poder. Dai ao Senhor a honra devida ao seu nome; trazei ofertas e vinde perante ele; prostrai-vos perante o Senhor na beleza da santidade. Temei na sua presença, toda a terra; o mundo será ainda estabelecido, para que não se abale. Alegrem-se os céus, e regozije-se a terra, e digam entre as nações: O Senhor reina. Ressoe o mar e tudo o que nele há; alegrem-se os campos e tudo o que neles há. Então cantarão as árvores da floresta perante o Senhor, porque Ele vem para julgar a terra. Aclamai ao Senhor, porque Ele é bom; porque a Sua misericórdia é eterna.

Durante muitos anos, dizia-se: «O céu é de Deus e a terra é do diabo». Temos de trabalhar para que as pessoas se salvem e vão para o céu; não nos preocupemos com tudo o resto, que está reservado para o fogo.

É assim mesmo? Temos de lavar as mãos e entregar o mundo ao diabo para que ele faça o que quiser com as pessoas e com a criação de Deus?

O facto de o diabo ser o príncipe do poder do ar significa que ele é o senhor da terra e dos seus habitantes?

Há uma parte de verdade e mentira em tudo isto. Ele é um príncipe e atua nas esferas celestiais. A sua influência é extremamente grande. Ao distorcer as Escrituras e doutrinar os homens com o contrário do que Cristo disse, ele usurpa o lugar de Deus e faz-se passar por Deus, sentando-se no trono do coração dos homens e fingindo ser Deus. É um anti-Deus.

Em nenhum lugar da Bíblia nos é ensinado a não nos preocuparmos com a criação e com as pessoas do mundo, porque todas as pessoas, desde Adão e Eva até aos nossos dias, foram criadas por Deus e para Deus. Jesus não curou apenas aqueles que acreditaram nele, mas todos aqueles que se aproximaram dele. Abençoou tanto o judeu como o estrangeiro. Alimentou a todos sem perguntar quantos deles o seguiriam.

Da mesma forma, a igreja foi chamada a fazer o bem a todos, começando pelos membros da família de Deus. Quase todas as igrejas têm algum serviço social destinado aos necessitados: Orfanatos, lares de idosos, refeitórios, assistência a doentes com SIDA, lares para mães solteiras e assistência a toxicodependentes; assistência a refugiados, escolas, programas de alfabetização, assistência a viúvas e pessoas desamparadas, e muitas outras iniciativas semelhantes.

Tudo isto é excelente e devemos continuar a fazê-lo, pois agrada a Deus. É um perfume agradável na Sua presença.

Mas a pergunta a que devemos responder é: o que o Senhor apresentou no Sermão da Montanha refere-se a este tipo de serviço social ou a uma maior intervenção e participação no mundo, para que ocorram mudanças em toda a sociedade que beneficiem todos os homens?

Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo.

Vós sois o sal da terra; mas, se o sal perder o seu sabor, com que se tornará salgado? Já não serve para nada, a não ser para ser deitado fora e pisado pelos homens.

Vós sois a luz do mundo; uma cidade situada sobre um monte não pode ficar escondida.

O apelo é para sermos o sal da terra e a luz do mundo.

O apelo é para sermos uma cidade situada sobre uma colina.

Mateus 5:15-16

Não se acende uma luz para a colocar debaixo de um alqueire, mas sim no candeeiro, e ela ilumina todos os que estão em casa. Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem o vosso Pai que está nos céus.

A Reforma Protestante conseguiu introduzir mudanças morais e sociais nos países que aceitaram essa mudança. Conseguiu tornar-se uma cidade situada sobre uma colina.

Será que nós conseguimos fazer o mesmo?

Será que a Igreja pode avançar nessa direção e dar-lhe a conhecer ao mundo?

O que Deus quer:

Buscar em primeiro lugar o reino de Deus é saber que Ele ama a justiça e abomina toda a maldade. Mesmo naqueles que não reconhecem o Seu governo. Deus nunca deixou de ser o Soberano de todas as nações. O Pai ama sempre a justiça e abomina todo o tipo de injustiça. Ele ama a paz e não os conflitos, a violência, a crueldade, as violações e as guerras.

No nascimento de Jesus, os anjos cantaram:

Lucas 2,14

Glória a Deus nas alturas, e paz na terra aos homens de boa vontade!

Além disso, Deus deseja que todos os homens sejam livres e desfrutem da liberdade. Deus opõe-se a todo o tipo de despotismo e autoritarismo, mas deseja ordem e autoridade. Deus deseja liberdade, não libertinagem.

A responsabilidade da igreja:

Jorge Himitian, na AFI 2018 em Fuerteventura, afirmou o seguinte:

A Igreja tem alguma responsabilidade na transformação das nações? Faz parte da nossa missão, como filhos de Deus, lutar por um mundo onde haja mais justiça e paz?

As respostas podem ser muito variadas, e algumas até contraditórias, dependendo do setor a que nos dirigimos.

Atualmente, entre as posições moderadas sobre este tema, subsistem basicamente duas principais. Ambas as posições afirmam que sim, que a Igreja tem responsabilidade na transformação das nações.

No entanto, uma delas defende que a sua ação deve ser indireta. A outra afirma que a igreja deve incluir na sua missão integral uma ação direta para a transformação das nações.

Aqueles que defendem que a contribuição da igreja deve ser feita de forma indireta não aceitam qualquer participação da igreja ou dos cristãos na política ou nas diferentes áreas do governo. A contribuição feita de forma indireta consistiria em pregar o evangelho, fazer discípulos, plantar igrejas, realizar obras de misericórdia e enviar missionários a todas as nações; e, como resultado do grande crescimento numérico da igreja nas nações e do discipulado, ocorreriam transformações na sociedade.

Aqueles que acreditam que a Igreja deve estar — não como instituição, mas através dos seus membros — envolvida em todas as áreas da sociedade: política, economia, justiça, legislação, governo, educação, ciências, artes, comunicações, saúde, trabalho, desporto, entretenimento, etc., defendem que o amor ao próximo não se limita a praticar a bondade e a justiça apenas a nível pessoal, mas também a nível comunitário, social e nacional, a fim de promover o bem-estar integral de todos os habitantes da nação e do mundo.

Pessoalmente, acredito que as posições A e B não são mutuamente exclusivas. Se avançarmos com a sabedoria de Deus e aprendendo com os erros e acertos que a história da Igreja nos ensina ao longo dos seus 2000 anos, acredito que é possível harmonizar ambas as posições, pois entendo que são complementares.

Questões para o debate.

1. Será que temos de trabalhar por um mundo melhor, sem descurar a nossa principal responsabilidade: a salvação e a edificação das pessoas?
2. Além de trabalhar pela salvação das pessoas, a Igreja deve procurar promover mudanças morais, políticas, económicas e no domínio da justiça social?
3. O que podemos aprender com os apóstolos e profetas do século I?
4. O que podemos aprender com a história da Igreja (tanto os aspetos positivos como os negativos), até à Reforma?
5. O que podemos aprender com os reformadores que conseguiram introduzir mudanças na Igreja e na sociedade?
6. As nossas propostas têm de ir do mínimo ao máximo, para que não se fiquem por ideais inatingíveis.

-
- Qual seria o mínimo?
 - Como alcançar a igreja em geral com o evangelho do reino?
 - Como chegar aos governantes, juízes e legisladores com a verdade da Palavra para que endireitem o rumo?
 - Como chegamos à população em geral?
7. A concentração da riqueza nas mãos de poucos é algo sem precedentes na história da humanidade.
- Como chegamos aos empresários e aos ricos deste século?
 - O que propomos aos profissionais e empresários das nossas congregações?
 - O que propomos aos nossos jovens que estão na universidade ou que irão estudar lá?
 - O que propomos aos profissionais cristãos, tanto evangélicos como católicos?
 - Como transmitir esta visão de transformação da sociedade às novas gerações?
 - O que apresentamos aos escritores, jornalistas e profissionais da comunicação social?

Uma experiência pessoal que nos pode ajudar:

Na década de 90, elaborei um trabalho, com cerca de 20 páginas, intitulado: «O Cristão perante a Globalização». Pediram-me para o apresentar num congresso para jovens e adolescentes, com cerca de 2 000 participantes. Os adolescentes adormeceram, mas os jovens, principalmente os universitários, ficaram impressionados. Também alguns não crentes que estavam no local, entre eles um professor que pediu permissão para o distribuir aos alunos da sua escola. Os irmãos fotocopiaram o estudo e levaram-no para os seus locais de trabalho; as pessoas ficavam impressionadas. Num escritório de advogados, pararam de trabalhar para ler o texto. Enviaram-no a todos os senadores, deputados e membros dos governos provinciais. Recebi notas da Câmara da Indústria da Guatemala a respeito do artigo. Um deputado e sindicalista convidou-me para almoçar num restaurante muito bom para conversarmos sobre o tema. O trabalho foi publicado na íntegra num livro trimestral que chega a todos os sindicatos, partidos políticos, etc. do país. Uma universidade começou a lecionar uma disciplina sobre Ciências Políticas e Sociais nas instalações de um sindicato; fui convidado para dar uma palestra de 20 minutos na abertura.

No dia 25 de maio de 2010, a Argentina comemorou os 200 anos da Revolução contra a Espanha, que visava a libertação do colonialismo. As comemorações multiplicaram-se por todo o país, mas, nessa manhã, foi celebrado na Catedral de Buenos Aires um Tedeum em honra do Bicentenário da Revolução de Maio. A Igreja Católica convidou ministros de diferentes confissões religiosas para elevar orações pela Pátria. Os pastores pediram-me que fosse eu e apresentaram-me como representante do povo evangélico. Fui o segundo ou

terceiro a orar. O cardeal Bergoglio (atual Papa) presidia ao Tedeum. A Catedral estava lotada de gente. Quando terminei de orar, a multidão de jornalistas, líderes políticos e outras personalidades irrompeu num aplauso estrondoso, muitos de pé e com gritos de aprovação.

Porquê?

Não sou advogado, nem economista, nem político; sou apenas um simples pastor de um bairro periférico. Além da providência e da graça de Deus, creio que foi apresentar a verdade envolta numa linguagem comum e simples. Com termos que as pessoas conhecem e ouvem normalmente. Creio que precisamos de sair do nosso jargão evangélico e dizer a verdade numa linguagem popular. Creio que precisamos de nos envolver mais com as pessoas comuns, com uma mensagem que não é comum.

Será que a profecia dos profetas Isaías e Habacuque se cumprirá?

«Porque a terra será cheia do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar» (Isaías 11,9).

«Porque a terra se encherá do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar» (Habacuque 2,14).

ASSUNTOS QUE É NECESSÁRIO DISCUTIR

1. A transformação das nações faz parte da missão da igreja?
2. Se a resposta for afirmativa, como reverter, no mundo evangélico, o desinteresse pela transformação das nações?
3. Como conciliar democracia, teocracia e pluralismo?
4. Como conviver num mesmo país com posições extremas, como a ideologia de género e os ensinamentos da Bíblia?
5. Existe o Estado laico? Ou será apenas uma desculpa para impor ideologias contrárias a Deus?
6. A moral bíblica, a moral natural, a imoralidade, a amoralidade, a moral popular, a moral tradicional: quem determina o que é certo e o que é errado?
7. É correto promover a moral bíblica nas nações? Até que ponto?
8. Quem deve exercer a autoridade parental sobre os filhos? A educação sexual e integral das crianças e dos jovens é da responsabilidade dos pais, das escolas ou do Estado?
9. Será correta a posição evangélica tradicional de separação entre a Igreja e o Estado?
10. De que forma deve a Igreja cumprir o seu papel de ser o sal da terra e a luz do mundo?
11. É correto incentivar os nossos irmãos e jovens a prepararem-se para ocupar cargos no governo e na função pública?
12. Em caso afirmativo, quais seriam os caminhos para que pudessem vir a ocupar cargos nos três poderes do Estado?

- (a) Formar partidos liderados por cristãos?
- (b) Formar um partido cristão?
- (c) Participar noutros partidos existentes?
- (d) Outras opções.

13. Perante a crise de valores e os elevados índices de corrupção em muitos países, como pode a Igreja desenvolver uma campanha de moralização a nível nacional e mundial?

14. Perante as injustiças sociais, deve a Igreja incentivar os economistas, gestores, advogados, empresários e profissionais entre os seus membros a promover projetos socioeconómicos mais justos para a sociedade?

15. Há séculos, a Igreja ocidental confundiu o reino de Deus com a Igreja. Deus detém o saber e o poder absolutos; a Igreja, não. Deus coloca e destitui reis; a Igreja, não; etc... Quais são os limites da Igreja na ação política e social?

16. Como é que a igreja pode começar a influenciar os grandes centros de ensino com valores morais e com a verdade?

É importante reconhecer as fases por que cada continente ou nação passa no que diz respeito a estas questões.

Angel Negro

Juan Varela

A identidade criacional do homem e da mulher, o casamento e a família, face à ideologia de género

Provavelmente, o ataque mais direto e frontal do «novo» movimento social denominado Modernidade Líquida — cujo braço executor no Ocidente se chama ideologia de género — é o ataque a dois aspetos fundamentais: a identidade e a família. Por isso, em primeiro lugar, cabe-nos definir e defender a identidade criacional e ainda biológica do ser humano; cabe-nos definir e defender os fundamentos do casamento e a estrutura familiar tal como Deus os estabeleceu, e também do ponto de vista cultural e sociológico. Por outro lado, cabe-nos definir e defender-nos desta nova realidade social chamada ideologia de género, que ameaça destruir os alicerces da cultura judaico-cristã e os pilares da civilização ocidental.

A identidade criacional

A questão da identidade é um tema central na história da humanidade, na teologia e na antropologia. A identidade é «o todo» da pessoa, pois responde a perguntas essenciais sobre a nossa origem, propósito e destino. Quando o homem e a mulher desobedecem a Deus em Génesis 3, ocorre uma perda da sua identidade e uma grave ruptura no sentido da sua existência. Enquanto permaneceram em proteção e obediência a Deus, tudo estava claro e o homem e a mulher eram habitantes do jardim do Éden. Sob o pecado e expulsos do jardim, tornam-se errantes na terra de Nod, e passarão toda a sua vida numa busca incessante pela sua identidade perdida. Por isso, a primeira pergunta da Bíblia, que surge em Génesis 2: «*Onde estás?*», revela o início da confusão na identidade do ser humano. O pecado provoca uma fratura integral, que Francis Schaeffer denomina «quadro teológico referencial»: fratura teológica, psicológica, sociológica e até ecológica.

Assim, acontece-nos o mesmo que a Adão e Eva, e hoje continuamos fora do Éden, em terra estranha. Parece que o castigo a que foram submetidos os nossos primeiros pais ao serem expulsos condenou o ser humano a viver como um nómada contemporâneo na ambígua e mutável aldeia global. O homem que não procura Deus continua perdido, tentando reencontrar a sua identidade na moderna terra de Nod, como um peregrino cético sempre à procura, sempre a mudar, sempre a transformar-se.

Este ataque destinado a confundir a identidade do ser humano é visível na própria vida de Jesus. No início do seu ministério, em Mt 4, quando Jesus estava a ser tentado por Satanás, as três tentações

começam da mesma forma: «Se és Filho de Deus...», ou seja, colocando em dúvida a sua identidade. Posteriormente, em Mt 16, ocorre a confissão de Pedro perante a pergunta de Jesus: «E vós, quem dizeis que eu sou?», essa afirmação «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo», «rocha» pela solidez do que nela se declara, é a pedra angular da edificação da Igreja, Sobre que facto? Sobre a identidade de Jesus, que estava a ser confundida por muitos. Da mesma forma, e no final do seu ministério, quando Jesus estava a ser crucificado, continua o mesmo ataque à sua identidade: «*Se és Filho de Deus, desce da cruz e salva-te a ti mesmo*» (Mt 27,40). Satanás ataca a identidade de Jesus, para anular o seu propósito de morrer pela humanidade; tenta Jesus tanto no início do seu ministério como no seu fim, precisamente neste aspeto, ou seja, colocando em dúvida a sua identidade como Filho de Deus. Hoje em dia, repete-se a mesma estratégia; tudo se esbate e se mistura numa confusão de identidades sem precedentes, cujo objetivo final é desviar o homem do seu propósito principal: conhecer Deus.

Antropologia bíblica: *O desígnio revela o destino*

Identidade, transcendência e sociabilidade são os três grandes pilares da identidade do ser humano. Todo ser humano, homem ou mulher, precisa encontrar a resposta para a origem da sua existência, saber de onde vem, por que está aqui e para onde vai. Nós, crentes, temos uma grande vantagem na hora de responder a estas questões, pois temos a certeza de que o homem e a mulher são fruto da criação de Deus, dentro de um desígnio inteligente onde tudo obedece a um plano preparado desde a eternidade. Não viemos de uma explosão inicial e fortuita, mas de um desígnio inteligente e planeado.

Deus cria o homem da terra, do pó da terra, dotando-o à sua própria imagem e semelhança, enquanto a mulher é criada a partir do homem. «Terra e carne» marcam, desde o início, uma marca bem diferente em cada um, que poderíamos resumir nesta frase: «*O lar do homem é o mundo, enquanto o mundo da mulher é o lar*». Adão significa terra vermelha, pois o homem, ao ser criado do pó, partilha os mesmos elementos químicos que a terra (oxigénio, carbono e hidrogénio). É por isso que o homem está mais ligado à natureza, ao seu batimento vital e ancestral, aos pulsos da terra e ao espírito de conquista a que nos referíamos no início. Adão foi formado da terra e Eva foi formada da própria pessoa de Adão. Ele, da terra, e por isso indomável e selvagem; ela, da sua carne, e por isso relacional e próxima. Por isso, na experiência da paternidade, a mãe *retém* (o lar) e o pai *envia* (o mundo). Ela é a segurança do lar para os seus filhos, enquanto o pai é a ponte que os liga ao desafio do mundo exterior. O desenho revela o destino.

O mandato cultural proferido por Deus em Gn 1,22 deixa claro que a primeira missão que Deus confia ao homem e à mulher é um apelo à conquista, à aventura: «Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a». O chamado é para ambos, é um chamado para a família, mas cada um responde a partir da sua natureza primitiva: Adão, que é formado da terra, portanto da natureza, é o encarregado de conquistar, lutar, dominar o meio. Eva, que é formada de Adão, da sua carne,

portanto do humano e do relacional, é a encarregada da harmonia no lar, do relacional, do afetivo. *Ele*, do continente, *ela* do conteúdo. A necessidade de conquista e a necessidade de um lar, «raízes e asas», são energias ancestrais enraizadas na alma de cada homem e de cada mulher. Não podemos negá-las, porque, na sua complementaridade, constituem a estabilidade da estrutura familiar.

A família como primeiro sistema social de referência

«Um pai e uma mãe unidos em matrimónio, de mãos dadas e a passear com os filhos ao colo, serão o gesto mais revolucionário e intrépido deste decadente século XXI.»

Com esta afirmação inquietante, iniciamos a secção em que nos cabe reivindicar o lugar que o casamento e a família ocupam como garantes da sociedade, pois todas as involuções defendidas pela ideologia de género, que negam a biologia mais elementar, a história da civilização humana e as suas formas de organização social gregária, acabam por constituir um ataque frontal à instituição da família, aquela que nos protegeu física e emocionalmente enquanto espécie e que, constituindo o principal ninho social de referência, molda a nossa personalidade e nos dá um sentido de identidade, enraizamento e pertença.

Como seres sociais, precisamos de fazer parte de redes ou sistemas onde possamos desenvolver relações significativas que dêem sentido às nossas vidas. Por isso, o valor social da família é inegável: constitui a célula básica da sociedade e o primeiro quadro relacional de todo o ser humano. A sua importância é absoluta, pois é nela que as pessoas adquirem os fundamentos formativos com os quais terão de se desenvolver na sociedade. Todos os conceitos e diretrizes para que um ser humano se desenvolva emocionalmente equilibrado, tanto no seu mundo interior como na sua rede social de relações, são aprendidos no contexto da família, a tal ponto que podemos afirmar que a família, como extensão natural do casamento, é o destino da pessoa.

No entanto, a desintegração da família e a total desvalorização do conceito de casamento são uma triste evidência de um modelo social que está a desmoronar-se por todos os lados. Estamos agora a colher os frutos amargos de uma sementeira em que não foram plantados os conceitos fundamentais da educação (valores, normas, afeto, disciplina). Vivemos numa sociedade em que «baralhámos as cartas» em todos estes aspetos de uma ética normativa. A abertura para os direitos do «indivíduo» desvalorizou o conceito de compromisso e dedicação; consequentemente, o casamento e a família são as primeiras vítimas desta sociedade líquida e mutante, mais preocupada com os direitos pessoais e a independência do indivíduo do que com a busca de relações estáveis e significativas. Até há algumas décadas, o foco da sociedade era a família, mas desde que os conceitos do marxismo cultural e da modernidade líquida entraram em cena, o foco passou a ser o indivíduo, a partir do egoísmo, do hedonismo e da independência.

É evidente que, perante um ataque tão direto e frontal, temos de defender e reivindicar os nossos valores e crenças, e devemos fazê-lo com coragem, conscientes de que a principal célula de resistência contra a tirania será a família.

O valor social do casamento e da família está fora de qualquer dúvida; não podemos dissociar a família da sociedade. O casamento é parte indispensável do plano estratégico de Deus para que a humanidade se desenvolva de acordo com o mandato cultural já mencionado. Este versículo é de extrema importância para compreender que a primeira missão divina, o primeiro mandato ao homem e à mulher, é o «ministério» ao casamento e à família. Portanto, dentro dessa ordem e desse plano pré-estabelecido, uma das primeiras coisas que Deus faz é fundar a instituição do casamento como garante desse chamado inicial.

O casamento não é uma instituição cultural, mas sim criacional

O casamento não foi concebido nem idealizado por nenhuma civilização ou cultura como um meio de regular ou organizar a sociedade, nem é uma instituição humana que precise de ser alterada ou atualizada de acordo com as necessidades ou tendências de cada nova geração.

O casamento, ao não ser fruto da cultura nem da sociedade, é uma questão criacional e não cultural¹, que deve ser vista como uma instituição que surge antes da história e se insere no contexto da própria criação, no âmbito do que, em teologia, se denomina «o estado de graça». O estado de graça é o período compreendido entre a criação e a irrupção do pecado em Génesis 3, quando o homem e a mulher viviam uma existência de plena harmonia entre si e com Deus, sem a coexistência com as consequências posteriores do pecado (morte, medo, dor). Nesse estado de perfeição, Deus funda duas instituições fundamentais que se destinavam a ser a base de toda a civilização posterior: a instituição do dia de descanso e a instituição do casamento.

Através da instituição do dia de descanso², Deus assegurava a permanência do culto que Lhe é devido, e através da instituição do casamento, Deus assegurava a permanência da humanidade e o cumprimento da Sua própria missão de nos multiplicarmos e preenchermos a terra. Por isso, o casamento é uma instituição fundamental e fundacional estabelecida por Deus para regular as bases sobre as quais toda a civilização posterior deveria assentar. Bases que, não sendo **culturais** (e, portanto, sujeitas a mudanças, ou seja, *adaptativas*), são **criacionais** (e, portanto, enraizadas em valores permanentes, ou seja, *normativas*) e servem para todas as épocas e tempos, não podendo ser adulteradas e desfiguradas por aspetos culturais como ideologias da moda, filosofias passageiras ou políticas experimentais. O que Deus estabeleceu no âmbito da criação deve ser normativo para

¹ Todos os aspetos culturais — modas, costumes, leis e tradições — variam e evoluem ao ritmo dos novos tempos e das novas sociedades. A cultura adapta-se e transforma-se.

² Quando Deus santifica o sétimo dia como dia de descanso, isso significa que Ele consagra e reserva esse dia especificamente para que o homem descanse do seu trabalho quotidiano e reflita sobre Deus, pois este é precisamente o sentido da palavra santidade. Isto assume o carácter de lei «oficial» quando os Dez Mandamentos são promulgados em Dt 5,12-14.

todos os tempos; não pode ser alterado nem destruído por nenhuma civilização, pois trata-se de uma questão criacional (*normativa*) e não cultural (*adaptativa*).

Assim, o significado heterossexual, monogâmico e permanente da união matrimonial e da família não é algo que cada nova geração possa redefinir livremente com base em aspetos culturais, ideológicos ou políticos. O significado exclusivo do casamento é definido por Deus e pela natureza única e complementar que Ele conferiu ao homem e à mulher.

A realidade social atual: Modernidade Líquida e Ideologia de Género

Não queremos ignorar a dura realidade que nos cabe viver numa sociedade em que o casamento, a família e a paternidade não são apenas aspirações ultrapassadas e anacrónicas, mas sim opções que são abertamente combatidas pelas novas estruturas de pensamento, como obstáculos ao novo «modelo social» a alcançar no século XXI. São essas estruturas de pensamento que agora nos cabe explicar, para que, ao conhecer as suas pretensões, saibamos defender-nos e defender os valores da nossa ética cristã.

Já lá vão os tempos das tradições saudáveis, em que a família continuava a ser a instituição que unia e conferia um sentido de dinastia e identidade geracional. Hoje vivemos tempos complicados em que os pilares da civilização ocidental estão a ser removidos, as bases judaico-cristãs da Europa e do Ocidente em geral estão a ser negadas, enquanto os novos conceitos da modernidade líquida e da ideologia de género estão a ser impostos nas políticas da maioria dos nossos países. A decadência da nossa cultura avança a passos largos; a família, em muitos casos, é apenas um facto circunstancial, e a maternidade é vista por grande parte das novas gerações como algo obsoleto que é preciso superar para que a mulher não fique relegada «ao papel opressor de mera reprodutora», usando a linguagem dos detratores da família natural.

A Modernidade Líquida: O último dos movimentos sociais

A modernidade líquida é o movimento cultural ou a nova cosmovisão social que substitui a ultrapassada pós-modernidade e que promove mudanças vertiginosas e radicais na civilização histórica, facilitando a transição para um pensamento mais holístico e universal. Esta perspetiva ultramoderna favorece o ressurgimento de uma sociedade cada vez mais uniforme, onde a ênfase é colocada na diluição da identidade, do género e da sexualidade da pessoa, e na qual os traços ou características diferenciadoras anteriormente atribuídas a cada sexo se apresentam indistintamente em ambos os géneros, esbatendo limites e criando uma estranha sensação de produção em série e de identidade flutuante ou mutante. Dentro desta nova «desordem social», imersa num processo de individualização e narcisismo sem precedentes, os conceitos de androginia e pangénero tornam-se extremamente relevantes, uma vez que cumprem a reivindicação histórica da «igualdade

de oportunidades» em todos os campos, tanto para a mulher como para o homem, gerando uma rejeição das identidades tradicionais e monolíticas pré-definidas de homem ou mulher.

Todo este ambiente propício dificulta que as pessoas tomem consciência da sua identidade, o que gera desorientação, falta de enraizamento, falta de propósito e de sentido de direção. Não há ideais, nem fé no futuro. Trata-se de um verdadeiro ataque à essência do ser humano, às suas raízes teológicas e antropológicas. É disso que se alimenta e com isso se funde a ideologia de gênero, criando confusão, vazio, desenraizamento e fomentando a cultura da sexualidade líquida com as suas múltiplas e quase infinitas variantes. São as consequências da falta de pontos de referência morais, éticos e teológicos.

A ideologia de gênero e as suas pretensões

As raízes da ideologia de gênero têm origem em aspetos do comunismo clássico (marxismo cultural), da revolução sexual, do feminismo radical e da crise da masculinidade. Resumindo, apresentamos a seguir, em 10 pontos, o que poderiam ser os seus principais objetivos:

- **Feminismo radical:** Vitimização e exaltação exagerada da mulher, e uma cultura de desconfiança em relação ao homem, acusado de ser a origem de muitos males.
- **Igualitarismo:** Negação das diferenças biológicas entre indivíduos, em prol do conceito igualitário e do gênero fluido.
- **Anticristianismo:** Oposição beligerante às raízes judaico-cristãs do Ocidente, acusadas de moral repressiva e de perpetuar o «heteropatriarcado» familiar.
- **Homossexualismo:** Promoção exagerada da cultura homossexual LGTBI e vitimização perante os heterossexuais.
- **Colonização ideológica:** É necessário impor programas de doutrinação desde a infância, para criar uma nova forma de pensar nos nossos filhos e nas gerações futuras.
- **Relativismo moral:** Negação dos valores universais e da ética normativa; tudo é admissível e inclusivo, vale tudo (exceto discordar destes mandamentos).
- **Liberalismo ético.** Apoio e normalização de comportamentos que prejudicam as sociedades humanas e a ética mais elementar, como o aborto livre, a promiscuidade sexual, a pedofilia, o zoofilia, as drogas, etc.
- **Hedonismo.** A busca do prazer como um fim em si mesmo, sem quaisquer restrições éticas, morais ou religiosas.

- **Ditadura ideológica.** Pensamento único e rejeição frontal e agressiva de todas as ideias contrárias ao pensamento totalitário. Oposição a qualquer postura conservadora, tachando-a de homofóbica, fascista e repressiva.
- **Destruição ontológica do ser humano.** Procura-se uma verdadeira reestruturação antropológica, com vista a criar um indivíduo mutante capaz de se reinventar e redefinir o seu género sem qualquer tipo de limitações. Desta forma, a identidade do ser humano, enquanto criatura feita à imagem e semelhança de Deus, desaparece.

Sem dúvida que a coligação de todos estes movimentos poderia muito bem corresponder a um plano detalhado para transformar gradualmente o indivíduo num ser alienado e privá-lo das suas características naturais de identidade. Sim, trata-se de uma autêntica colonização ideológica que, a partir do feminismo radical e do lobby gay, pretende dar mais uma volta de porca aos já maltratados conceitos de heterossexualidade e género, diluindo ainda mais a sua identidade numa fusão onde tudo é relativo e mutável. Este é o movimento social e a doutrina que, como já mencionámos, se está a impor no ideário político de muitos partidos e, por conseguinte, de muitos governos. O vírus anda à solta e em livre circulação, é apenas uma questão de tempo e temos de estar preparados.

É realmente assustador observar para onde caminha a chamada civilização moderna. Estamos a alterar aspetos que pertencem à essência da criação no ser humano; trata-se de um domínio sagrado ao qual não nos é permitido entrar. O desígnio divino não pode ser profanado; as fronteiras da ética de Deus não podem ser transgredidas sem sofrer consequências amargas. Com a violação da nossa identidade natural, perdemos a paternidade e a filiação divinas, ficando nus e órfãos, e assim navegamos rumo à destruição da imagem de Deus no ser humano e do seu carácter social e coletivo.

As origens do feminismo radical e a crise da masculinidade

No que diz respeito ao movimento feminista, este teve início com o chamado «feminismo da igualdade», que defendia a igualdade de direitos e liberdades para as mulheres, sem renunciar a princípios inerentes à sua natureza, como a maternidade ou a constituição da família, onde a figura do homem não era demonizada, mas sim enquadrada num novo conceito de homem, afastado do machismo e da imposição. Consolidou-se no final da década de 60 com a revolução sexual e a emancipação da mulher. Começou, tal como os restantes movimentos, sendo algo positivo e com reivindicações legítimas de base, que procurava libertar a mulher de uma opressão histórica evidente. É verdade que, historicamente, o papel da mulher esteve sempre subordinado à vontade arbitrária do homem, e os seus direitos sociais claramente restringidos. Mesmo sob a tradição judaico-cristã e devido a uma leitura legalista e manipulada do texto bíblico, a mulher tem sido menosprezada na sua dignidade como ser humano e no seu valor como pessoa, o que contribuiu

para uma maior radicalização dos coletivos feministas. Assim, a injustiça social, resultante do facto de as mulheres terem permanecido oprimidas durante séculos, degenerou, a partir do referido feminismo da igualdade, num ódio e num confronto com o género masculino, bem como numa luta para se imporem como o novo sexo forte, promovendo a rivalidade de género e considerando o homem como um adversário a ser superado.

Estas mudanças levaram a que a mulher rejeitasse certos aspetos de si mesma, próprios da sua personalidade e natureza feminina, para desenvolver aspetos mais semelhantes aos do homem, numa tentativa de se equiparar ou assemelhar a ele, sem compreender que a igualdade se refere ao tratamento e à consideração, e não à condição de género. E, evidentemente, não se trata de adotar os mesmos padrões errados, próprios de um machismo histórico a ser superado, e não imitado. Assim começou a gestar-se o feminismo radical ou de género, no seio da cultura pós-moderna, como um dos principais motores da ideologia de género e da modernidade líquida.

Ao mesmo tempo, estas transformações sociais profundas fizeram com que o papel do homem se tornasse consideravelmente difuso. Ele teve de abandonar os estereótipos ultrapassados de um modelo masculino machista e obsoleto, para apoiar as justas reivindicações da mulher que lutava por se reposicionar no novo cenário social. Tudo isto no meio da confusão e desorientação de não terem clareza sobre quais eram os seus novos paradigmas. Era evidente que o homem tinha de «sair», mas para onde? Vale a pena salientar agora que, do ponto de vista espiritual e no âmbito da luta entre o plano de Deus e o plano de Satanás para o destruir, a família e, concretamente, o papel do homem, têm estado na mira desde o início. Vejamos isto.

No contexto da origem e do desenvolvimento da crise da masculinidade, é necessário mencionar a estratégia subtil do inimigo, que, a partir da passividade de Adão — que relegou o homem do seu importante papel de responsabilidade para uma busca solitária da sua identidade «fora do lar» —, passando pela perda das estruturas de autoridade, pela perda do seu papel de marido e pai devido à absorção pelo trabalho desde a Revolução Industrial, pela perda de gerações de homens, seja pela sua morte no campo de batalha ou pelo seu maior isolamento emocional ao regressarem dos grandes conflitos mundiais, o género masculino chegou ao século XX dos hippies, da revolução sexual e do feminismo de género, arrastando a sua particular crise de identidade. Desde então, os homens têm tentado recuperar a sua autoridade a partir de postulados errados, evidenciando uma autêntica desorientação na sua identidade e uma ausência de papéis saudáveis e normativos de uma masculinidade equilibrada. Desta desorientação, confusão de identidade e propósito, tem-se alimentado o feminismo radical e o mundo da cultura LGBTI em geral, juntamente com os ideólogos destas modernas doutrinas niilistas.

Roteiro e propostas

O papel da família e da igreja como sal e luz face à corrupção social

O Salmo 11, no versículo 3, diz: «*Se os alicerces forem destruídos, o que fará o justo?*» Acreditamos que, em primeiro lugar e perante a evidente destruição dos alicerces da nossa civilização, hoje, mais do que nunca, nos cabe reivindicar o papel da família e o seu valor inegável. Por tudo isso, as igrejas sólidas reivindicamos o nosso direito de pensar de forma diferente, sem que por isso tenhamos de ser julgados ou acusados do crime de homofobia; reivindicamos o nosso direito de ser uma igreja que saiba diferenciar-se de uma sociedade na qual nos recusamos a diluir-nos. Queremos defender uma igreja sólida, firmemente enraizada na âncora dos valores criacionais e não dependente das oscilações culturais. E é uma igreja sólida como coluna e baluarte da verdade, que, a partir do respeito pelos diferentes coletivos LGBTI, não concorda e se opõe com firmeza à imposição das doutrinas da ideologia de género e aos postulados da modernidade líquida. O contrário seria defender um antropocentrismo laicista, em oposição ao teocentrismo bíblico que nos deve caracterizar como sal e luz.

«Uma nação condena-se a si própria quando os seus governantes legalizam o mal e proíbem o bem, e quando a sua igreja se torna covardemente cúmplice através do seu silêncio»
(M. Luther King)

Trata-se, sem dúvida, de uma afirmação contundente que nos deve tirar da nossa zona de conforto e consciencializar-nos de que estamos num cenário de luta. Como coletivo de igrejas evangélicas nas suas diversas associações, como igrejas locais, como famílias e como indivíduos, temos de tomar partido ativamente. Particularmente esclarecedor para os tempos que correm é o conteúdo do capítulo 5 de Mateus. As bem-aventuranças descrevem-nos o *carácter* essencial dos discípulos de Jesus, enquanto as metáforas do sal e da luz descrevem-nos a sua *influência* no mundo. Nos tempos antigos, o sal era muito apreciado pela sua capacidade de preservar os alimentos da deterioração, a tal ponto que era objeto de comércio, atividade da qual deriva precisamente a palavra «salário». Mas o que é verdadeiramente profético para os nossos tempos não tem a ver com as suas qualidades, mas com o que se fazia com o sal quando já não servia: «*Vós sois o sal deste mundo, mas se o sal perder o seu sabor, como continuará a salgar? Já não serve mais do que para ser atirado para fora e ser pisado pelas pessoas*». Mt 5,13

A advertência é clara e a Palavra afirma que, quando nós, cristãos, que somos o sal da terra, nestes tempos em que estamos a ser atacados e oprimidos pela modernidade líquida e pelas suas doutrinas, não cumprimos a nossa missão de nos opormos com firmeza à corrupção ideológica que nos estão a impor, corremos o risco de sermos pisoteados e postos de lado da cena social. Se não

reagirmos rapidamente, continuarão a pisar os nossos direitos fundamentais e a marginalizar-nos como um coletivo à margem, pois: «*Se forem destruídos os fundamentos, o que fará o justo?*».

Prevenção e intervenção como ações de sensibilização social da Igreja

Pretendemos reafirmar e defender o enorme valor social do casamento e da família natural, enquanto instituição mais ameaçada e enquanto antídoto natural para evitar sermos arrastados pela maré desta sociedade líquida e à deriva. A visibilidade social a que, como crentes, somos chamados, deve ter duas frentes de ação claras: por um lado, a *prevenção* e, por outro, a *intervenção*.

Prevenção: Trata-se, face à *colonização ideológica* que nos invade, de trabalhar a *colonização teológica*, que inclui a importância de educar com base nos princípios bíblicos, sobretudo tendo em vista a formação de líderes e o ensino na igreja:

Formação de líderes: Cursos ou seminários de formação sobre todos os temas relacionados com a família e a sua realidade social, para que os líderes sejam os primeiros a receber formação, de modo a poderem, por sua vez, formar as suas congregações.

Formação pela igreja: Cursos para pais, palestras sobre o valor do casamento e da família, educação afetivo-sexual, workshops sobre os perigos da sociedade atual, aconselhamento e orientação familiar personalizada e especializada.

Intervenção: A intervenção abrange duas vertentes distintas, a que chamaremos intervenção paliativa e intervenção defensiva.

Intervenção paliativa: Criação, nas igrejas locais ou na cidade, de Centros de Orientação Familiar (COF), que, enquanto braço social da igreja, ofereçam aconselhamento familiar geral. Isto passa pela formação de assessores, orientadores e conselheiros familiares capacitados para prestar apoio ao conjunto das igrejas em cada cidade, seja nos referidos COF ou de forma particular. Contando ainda com profissionais cristãos formados em psicologia ou mediação familiar.

Intervenção defensiva: O protesto de Martinho Lutero ao afixar as 95 teses na porta da igreja de Wittenberg deu origem à Reforma Protestante. Certamente que, para uma reforma desta sociedade em questões de ética, moral e liberdade de expressão, é necessário que saibamos «afixar» os nossos protestos através dos meios de comunicação atuais: A pressão e a presença social são necessárias para fazer ouvir a nossa voz por meio de declarações, manifestações pacíficas que tornem visível a presença do povo evangélico, campanhas de recolha de assinaturas, manifestos divulgados através das redes sociais e *dos meios de comunicação social* em geral.

Outro aspeto importante é a defesa legal e o aconselhamento jurídico que nos informe, oriente e defenda face a possíveis ações judiciais decorrentes de diversas situações específicas resultantes das nossas declarações ou atuações enquanto crentes. Da mesma forma, esse aconselhamento

deve abranger a possível inclusão, nas declarações de fé ou nos estatutos das igrejas, de cláusulas que reflitam a nossa posição em matéria de ética sexual, homossexualidade e casamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Perante esta batalha, o Senhor apoia o nosso trabalho e serviço a Ele, com as seguintes palavras em Lc 1,74: *«Que nos concederia que, libertos dos nossos inimigos, sem MEDO O servíssemos em santidade e justiça perante Ele, todos os nossos dias»*

Glória apenas a Deus!

Juan Varela

Texto traduzido com o DeepL Translate